

APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: diferenças que não estão nos métodos¹

FLORISA de Lourdes BRITO

O ponto de partida desta reflexão é um artigo de Christine Revuz (1998): "A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio". A autora, ao problematizar o alto índice de fracasso observado nas tentativas de ensino-aprendizagem, a despeito dos diversos métodos que as fundamentam, afirma que, para aprender uma língua estrangeira, a alteração do "eu" é inevitável; menciona também a necessidade de se lidar com as diferenças, tanto em si mesmo, como entre o "eu" e o "outro", para ser bem sucedido na aprendizagem.

Essas incursões nas questões do "eu" e das "diferenças" conduziram-nos a um artigo de Tomaz Tadeu da Silva (2000): "A produção social da identidade e da diferença". Procuramos, então, pontos de convergência entre as discussões sobre identidade e diferença, presentes no texto de Silva (2000), e a problematização do ensino-aprendizagem de línguas em Revuz (1998).

Nosso propósito é, portanto, não estabelecer um paralelo entre os dois artigos, e sim relacionar, ao texto de Revuz (1998), algumas ideias extraídas de Silva (2000), estabelecendo conexões que se nos mostram pertinentes.

"A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio" (Revuz, 1998.)

Christine Revuz (1998) aborda o problema do alto índice de insucesso na aprendizagem de línguas, trazendo questões como: a complexidade da língua, que inclui uma dimensão afetiva, raramente levada em consideração; a estreita relação entre a língua e o "eu"; a necessidade/dificuldade de lidar com as diferenças, inclusive internas.

O texto começa por chamar a atenção para uma situação paradoxal: todo ser humano, salvo por distúrbios biológicos ou psicológicos sérios, e sem a necessidade de um ensino sistematizado, aprende muito cedo a falar; mais tarde, ao tentar aprender outra(s) língua(s), tem maior probabilidade, segundo as estatísticas, de falhar do que de alcançar êxito. A autora observa que, todavia, no quadro desse fracasso generalizado, diferem muito os indivíduos, bem como as comunidades, entre si; e acrescenta que, uma vez tendo obtido sucesso no aprendizado de uma língua estrangeira, torna-se mais fácil aprender outra(s).

Considerando que aparecem diferentes graus de dificuldade, a depender dos indivíduos e das comunidades, e que, após vencer os obstáculos diante da primeira língua estrangeira, o aprendizado de outra(s) se torna menos difícil, Revuz (1998) entende que é preciso investigar a origem dessas dificuldades na relação que os indivíduos estabelecem, de maneira tão especial,

¹ Publicado na Revista Athos & Ethos, V. 4 – Patrocínio, Faculdades Integradas de Patrocínio, outubro de 2004 – ISSN 1677-0811. (Revisto em 2014)

na fase de estruturação de seu psiquismo, com a língua materna. Esta, não é necessariamente a língua da mãe, mas aquela em que o ser humano mergulha logo ao nascer. Mesmo o feto, possuindo a audição como o sentido mais precocemente desenvolvido, já se encontra envolto pela língua.

De acordo com o texto, a língua materna é, para o sujeito, a via de acesso à linguagem e passa a fazer parte dele, de tal forma que lhe parece jamais ter havido um aprendizado. Atraídos pela facilidade com que o indivíduo aprende sua primeira língua, muitos acreditaram (ou acreditam) ser possível fazê-lo repetir a façanha em relação à língua estrangeira, defendendo o método de "imersão". Mas também este, como os outros, não consegue garantir o sucesso de todos.

A autora afirma que a relação estabelecida entre o sujeito e sua língua materna jamais se repetirá da mesma maneira quanto à língua estrangeira; e aquela sempre influenciará sobre esta. O sujeito que se depara com uma língua estrangeira, mesmo na forma de imersão, tem consciência sobre aprender essa língua, e não está entrando pela primeira vez no mundo da linguagem.

Para explicar a especificidade concernente à aprendizagem de línguas, em relação a outras aprendizagens, Christine Revuz (1998) fala da complexidade da língua, que envolve as dimensões cognitiva, corporal e expressiva; ela afirma que: "muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional". (REVUZ, 1998:217).

A língua não é, portanto, só um instrumento que o ser humano aprende a manipular para produzir linguagem, pois antes que ele consiga falar "é falado", dentro de um sistema linguístico "impregnado" de um sistema de valores.

Não apenas o que acontece, mas o que é dito sobre os fatos, as impressões, as expectativas, tudo chega à criança pela via da língua materna. "E essas falas são em todo momento interpretações daquilo que é ou sente a criança, predicação sobre o que ela é, o que se espera dela, e nomeação das sensações, dos afetos, dos objetos do mundo." (REVUZ, 1998:218-219).

Percebe-se, assim, como o próprio vocabulário já vem carregado afetivamente, longe de ser simples nomeação objetiva, porque é apreendido pela criança em conjunto com os demais componentes de seu ambiente, com os cuidados que ela demanda e recebe de um modo ou de outro (ou não recebe), com as sensações de conforto ou desconforto, e assim por diante.

As palavras e suas significações chegam como parte integrante da "relação com o outro" e trazem consigo valores específicos do ambiente. O sistema linguístico é o espaço em que a criança estabelece a sua relação com o mundo. Portanto, a língua materna estará definitivamente marcada pelo elemento afetivo, sem a menor possibilidade de se transformar em "um instrumento de designação objetivo das coisas do mundo". (REVUZ, 1998:219). Esta situação é muito

diferente daquela que ocorre posteriormente, por ocasião do aprendizado consciente de outra língua.

No entender de Revuz (1998), a língua materna não é apenas usada pelo sujeito; ela é parte estruturante dele, por ser o espaço em que se iniciou (e continua) a sua relação com o mundo e a expressão de si mesmo. A língua estrangeira chega depois como outra via de expressão possível, mobilizando a complexa relação do sujeito com a língua materna, que integra o seu psiquismo. Daí advêm, segundo a autora, os possíveis obstáculos ao aprendiz de língua estrangeira, que são tão frequentes, diversificados e difíceis de serem explicados ou eliminados por quaisquer métodos, quando estes insistem numa visão instrumental da língua, ignorando suas várias dimensões.

Conforme explica Revuz (1998), o início do aprendizado de uma língua estrangeira traz de volta a experiência da incapacidade de se fazer entender. Quando se inicia pela fonética, impondo-se alterações no uso do aparelho fonador, até então condicionado aos sons da língua materna, provoca-se ao mesmo tempo "muitas sensações surpreendentes no plano dessa região bucal, tão importante no corpo erógeno". (REVUZ, 1998:221). Mais do que dificuldades em produzir os novos sons e ritmos, o que atrapalha o aprendizado são resistências à sua formulação, ou seja, a recusa em participar do que se mostra como uma ameaça, por se apresentar como regressivo, e ao mesmo tempo transgressivo, em relação à situação estável do uso da língua materna.

Por outro lado, constata Revuz (1998), há os que se sentem atraídos, apropriando-se facilmente dos sons e ritmos da nova língua. Porém, entre esses, alguns começam por esta dimensão da língua e chegam às demais, enquanto outros estacionam nessa fase. As diferenças, conforme explica a autora, estão relacionadas, por um lado, com a forma de aprender de maneira mais intelectual ou mais corporal; e por outro, com a sensação de estar havendo um distanciamento da língua materna, o que deixa alguns entusiasmados e outros receosos. "Essa distância, fonte de ansiedade para uns ou de prazer para outros, marca a maneira pela qual a língua estrangeira produz significações". (REVUZ, 1998:222).

Quanto à construção das significações em língua estrangeira, a autora observa que há uma fase de nomeação, mas esta não se equipara àquela da língua materna, a qual é indissociável da predicação e carregada do desejo de quem fala. As significações na língua estrangeira vão encontrar as da língua materna, sendo estas afetivamente marcadas, enquanto aquelas não o são; e vão fornecer pontos de vista diferentes, evidenciando a separação entre a língua e a realidade. Constatar essa separação causa uma espécie de instabilidade interior, provocando efeitos variados, dependendo do aprendiz, podendo levar ao sentimento de perda, de renovação ou até de libertação. Daí resultam as reações diferentes: desde a recusa em aprender, até um grande entusiasmo pela nova língua.

Segundo Christine Revuz (1998), falar uma língua estrangeira implica em transformar-se, pois quem nela se expressa é, de certa forma, um "outro". Muitos evitarão essa transformação,

usando diversas estratégias que resultarão em efeitos também diversos. A autora entende que há uma necessidade de distanciamento da língua materna para haver aprendizagem de uma língua estrangeira, provocando reações individuais distintas, mas sempre relacionadas às idéias de "ruptura" e de "exílio": uns temem e evitam, outros buscam como salvação e, outros ainda, permanecem divididos entre dois mundos.

"Aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro", (REVUZ, 1998:227), independentemente de combinar-se com outras rupturas, como encontrar-se no estrangeiro, por exemplo. Neste ponto podemos identificar a idéia de um "eu" que nunca está pronto e acabado, que existe na medida em que é reivindicado, semelhante à "identidade", tal como é postulada nos estudos pós-estruturalistas. Se o sujeito não reivindica a mudança e se, ao contrário, tenta agarrar-se à fixidez na qual acredita, então ele não se permite aprender, mesmo que não tenha consciência de estar construindo essa barreira.

De acordo com o texto, na língua materna, a mente da criança está abastecida com frases prontas; já na língua estrangeira, o aprendiz precisa construir frases, pensar em como vai dizer aquilo que quer dizer. Para a comunicação interpessoal, é preciso mais conhecimento da língua e mais envolvimento do aprendiz do que para as "comunicações meramente operatórias", das quais não resultarão "informações", "significações" e "elaborações" novas. A autora cita o caso do inglês de "comunicação internacional", simplificado, que serve a uma comunicação limitada e não pode ser usado para mostrar as diferenças, que são deste modo encobertas.

Segundo Revuz (1998), o aprendizado profundo de uma língua estrangeira exige do sujeito a superação dos limites dos discursos sociais e familiares, que o constituem, e o reinventar-se em outro espaço. Assim sendo, o estranhamento que se dá não é apenas em relação ao outro, mas em relação a si mesmo, enquanto fazendo-se outro, ao falar outra língua.

Retomando, pois, a questão de um tão grande número de pessoas que tenta aprender uma língua estrangeira e fracassa, a autora diz que "para fazer com que as capacidades enunciativas progridam sensivelmente" é preciso "superar uma concepção puramente instrumental da língua" e "procurar compreender porque não se permitem essa aprendizagem" (REVUZ, 1998:230). Ela entende que o grande obstáculo é:

A dificuldade que há para cada um de nós, não somente de aceitar a diferença mas de explorá-la, de fazê-la sua, admitindo a possibilidade de despertar os jogos complexos de sua própria diferença interna, da não coincidência de si consigo, de si com os outros, de aquilo que se diz com aquilo que se desejaria dizer. (REVUZ, 1998:230)

Assim, Christine Revuz (1998) explica como a aprendizagem de línguas, por qualquer método que utilize, costumeiramente alcança menor índice de sucesso do que outras aprendizagens. As dificuldades específicas têm origem na relação do sujeito com a língua materna: complexa, marcada pela afetividade e estruturante de seu psiquismo. Os discursos

sociais, tanto quanto os familiares, perpassam a língua; daí poder-se observarem, além de diferenças individuais, também as diferenças relacionadas a determinadas comunidades.

O aprendizado de uma língua estrangeira é consciente e depende de um distanciamento da língua materna. Para muitos, há o desejo de aprender a outra língua, por um lado; mas, por outro, a recusa em se distanciar da primeira, como um medo de perder-se de si mesmo. Além da questão do distanciamento, o encontro com uma primeira língua estrangeira traz a revelação de que existe uma separação entre as palavras e as coisas, e exige, para o aprendizado, a aceitação da diferença, tanto do outro quanto de si mesmo "se reinventando".

Estes dois obstáculos, uma vez superados, não se repetirão no aprendizado de uma próxima língua estrangeira, ou seja, o sujeito já terá sido capaz uma vez de se distanciar o suficiente da língua materna e de lidar com a diferença; portanto, a possibilidade de fracasso, pelo menos devido à "recusa" em aprender, será menor.

Para que a aprendizagem de línguas possa alcançar melhores resultados, a direção sugerida pela autora não é a busca de novas técnicas. Fundamentalmente, trata-se de superar a idéia de língua como mero instrumento, e voltar a atenção para a grande barreira que se constitui devido à dificuldade de lidar com as diferenças, tanto externas quanto internas.

"A produção social da identidade e da diferença" (Silva, 2000.): pontos de convergência com o texto de Christine Revuz

Destacamos, no texto de Silva (2000), pontos de convergência entre a sua abordagem de "identidade e diferença", e as referências feitas ao "eu" e às "diferenças", por Revuz (1998).

Silva (2000) observa que, ao contrário da aparente autossuficiência dos conceitos de identidade, como aquilo que se é, e de diferença, como aquilo que o outro é, ambos estão intimamente relacionados, pois a afirmação de uma identidade, que comporta muitas negações de outras identidades e diferenças, só é necessária pela falta de homogeneidade, isto é, em razão de haver diferenças. Não se trata, todavia, de considerar a identidade como referência e a diferença como definida a partir dela, mas sim de uma mútua determinação, em que a diferença (ou diferenciação) é o processo mesmo em que se produzem identidade e diferença.

Prosseguindo, Silva (2000) afirma que ambas, identidade e diferença, são produzidas "no contexto de relações culturais e sociais", por "atos de linguagem". Este ponto pareceu-nos estreitamente relacionado à afirmação de Revuz (1998:227) de que "Aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro". Se, como defende Silva (2000), são os atos de linguagem que produzem a identidade e a diferença, então o que o sujeito sabe (e pensa, e sente) sobre si mesmo e os outros, sobre a sua comunidade e o mundo, está profundamente marcado pela língua materna; e alterar-se-á, em alguma medida, quando ele se propuser a falar outra língua.

Todavia, a compreensão de si e do mundo encontra-se de tal maneira naturalizada, que geralmente não há consciência sobre ser apenas uma, entre inúmeras outras possibilidades, e sobre o fato de ter sido produzida. Para aprender profundamente outra língua, é necessário

aceitar mudanças de perspectiva, acessar outras possibilidades de se expressar, e apropriar-se delas, o que será inviabilizado se o sujeito permanecer preso à idéia de um "eu" definitivo e de um sistema único de valores.

Em outro momento do texto, Silva (2000:78) afirma que, na linguagem, "o signo não coincide com a coisa ou o conceito". Em Revuz (1998), esta é uma das explicações para o fato de haver maiores dificuldades quando se começa a aprender a primeira língua estrangeira: é que o encontro com ela faz constatar a separação entre língua e realidade, o que muitos não aceitam facilmente. Enquanto a língua materna é a única conhecida, dada a estreita relação entre ela e o sujeito, devido ao modo como ela entrou na vida dele, a diferença entre palavras e coisas normalmente não é percebida; portanto, não há consciência de que as mesmas coisas podem ser ditas de outra forma.

Não se trata aqui de situações, mais raras em nossa época, de desconhecimento da existência de outras línguas. Todavia, há uma grande diferença entre saber que existem e entrar em contato com uma delas para aprendê-la, tornando-se de fato capaz de expressar-se por esta via: é neste momento que não apenas se sabe, mas se sente a separação entre coisas e palavras.

"A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade." (SILVA, 2000: 83). A "identidade normal" aqui pode ser comparada à língua materna em Revuz (1998), que nem parece ter sido, um dia, aprendida, dando ao sujeito a impressão de que as palavras são as coisas (incluindo-se coisas imateriais) às quais elas se referem, em suma, que não parece ser *uma* forma de se expressar, mas a *única*.

Por esta razão, alguns aprendizes se assustam com a idéia de colocar-se em uma situação de distanciamento da língua materna para apropriar-se de outra, como se estivessem afastando-se de si mesmos; o que em certa medida é verdade, pois a identidade se constitui pela linguagem, então não é possível falar outra língua sendo exatamente a mesma pessoa; além do mais, não é possível expressar exatamente o mesmo em línguas diferentes, porque o sistema linguístico está impregnado pelo sistema de valores, como observa Revuz (1998).

Uma demonstração simples e frequente de como, fora do nível da reflexão, a língua materna é considerada a "identidade normal", enquanto as outras línguas são tidas como as diferenças, é a "constatação", no senso comum, de que, em língua estrangeira, escreve-se de um jeito e se lê de outro. Entende-se, deste modo, o que é puramente representação convencional como se fosse o correto, o real.

Ao falar sobre o hibridismo, entendido como a mistura entre diversas identidades que resulta em outra, apresentando traços das iniciais, mas sem ser nenhuma delas, Silva (2000) observa que os movimentos que o provocam podem ser tanto literais como metafóricos, e afirma:

" 'Cruzar fronteiras', por exemplo, pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades. 'Cruzar fronteiras' significa não respeitar os sinais que demarcam – 'artificialmente' – os limites entre os territórios das diferentes identidades."
(SILVA, 2000: 88)

É possível comparar esse hibridismo à condição de "tornar-se um outro", encontrada no texto de Christine Revuz (1998). Evidentemente, o movimento envolvido no caso de aprender língua(s) estrangeira(s) é do tipo denominado por Silva (2000) de metafórico, pois são fronteiras identitárias, limites simbólicos que precisam ser transpostos. Porém, a este tipo metafórico, pode-se acrescentar o literal, no caso de encontrar-se o aprendiz no estrangeiro, situação que Revuz (1998) considera como "outras rupturas", além daquela provocada pelo contato com uma língua estranha.

Na proposta denominada por Silva (2000) "pedagogia como diferença", o autor considera insuficientes as atitudes de tolerância e respeito diante da diversidade cultural, pois assim não se levam em conta identidade e diferença como produtos culturais, constantemente criados e recriados. No entendimento do autor, identidade e diferença caracterizam-se por instabilidade, heterogeneidade, inconsistência, inconclusão, estando relacionadas a "estruturas discursivas e narrativas", "sistemas de representação" e "relações de poder". Ao mencionar as estruturas discursivas e narrativas, lembrando assim mais uma vez a participação dos "atos de linguagem" na produção de identidade e diferença, o texto permite mais uma conexão com o de Revuz (1998). A autora observa como, mesmo antes de ser capaz de falar, a criança ouve a respeito de si mesma em seu ambiente. Esses dizeres são tanto nomeações como predicções e interpretações sobre ela, vindo a ser elementos formadores do "eu"; daí a relação especial entre o sujeito e sua língua materna.

Silva (2000) defende a ideia de "estimular, em matéria de identidade, o impensado e o arriscado, o inexplorado e o ambíguo, em vez do consensual e do assegurado, do conhecido e do assentado." (SILVA, 2000:100)

Revuz (1998) observa que "mais que em problemas técnicos, a aprendizagem de línguas estrangeiras esbarra na dificuldade que há para cada um de nós, não somente de aceitar a diferença, mas de explorá-la, de fazê-la sua". (REVUZ, 1998:230)

Lembramos primeiramente que também Silva (2000) considera, relativamente à identidade e à diferença, ser necessário mais do que aceitar. Assim, os dois autores, com finalidades específicas diferentes, estão defendendo o mesmo ponto de vista: abandonar a idéia de fixidez, de definitivo, de homogêneo e estimular/explorar as possibilidades do novo, do heterogêneo, do múltiplo. "Aproximar – aprendendo, aqui, uma lição da chamada 'filosofia da diferença' – a diferença do múltiplo e não do diverso. [...] A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o idêntico." (SILVA, 2000:100).

Destacamos este trecho para mostrar, ainda uma vez, que explorar a diferença, como sugerido por Revuz (1998), e trabalhar a diferença do múltiplo, como sugere Silva (2000), são propostas, a nosso ver, equivalentes.

Assim, a "pedagogia como diferença" encontrada em "A produção social da identidade e da diferença (SILVA, 2000) apresenta muitas semelhanças com o caminho delineado em "A

língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio" (REVUZ, 1998), no sentido do progresso das "capacidades enunciativas". Embora os autores partam de perspectivas diferentes e tenham objetivos distintos, suas ideias convergem em vários pontos e, a nosso ver, podem contribuir para melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem de línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposto na introdução, após a leitura do texto "A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio", de Christine Revuz (1998), procuramos, no artigo "A produção social da identidade e da diferença", de Tomaz Tadeu da Silva (2000), elementos deste que oferecessem a possibilidade de estabelecer relações com as ideias expressas naquele.

Interessou-nos especialmente localizar, no segundo texto, aquilo que estivesse relacionado de algum modo com a linguagem e, portanto, com a aprendizagem de línguas. Com este intuito, decidimos não nos ater a outras questões como, por exemplo, "as relações de poder", tão enfatizadas por Silva (2000) e, sem dúvida, inerentes à produção de identidades e diferenças, mas menos relevantes neste nosso objetivo específico.

Dois aspectos ainda precisam ser enfatizados. Primeiro, a maneira como Silva (2000) aborda a produção social de identidade e diferença, defendendo a convivência produtiva da multiplicidade, mostra-se bastante condizente com a exploração da diferença, da heterogeneidade em si mesmo, em relação ao outro e no outro, apontada por Revuz (1998) como necessária à aprendizagem profunda de línguas. Segundo, por ocasião do encontro com uma língua estrangeira, a constatação de haver entre palavras e coisas, não uma identificação natural, mas uma relação produzida culturalmente, é inevitável e intrigante, sendo que o aprendizado vai depender, em muito, da aceitação e exploração desse fato.

Finalizando, entendemos que os estudos sobre multiculturalismo, na perspectiva cultural contemporânea, como aborda Silva (2000), podem ser úteis para conduzir a melhores resultados na aprendizagem de línguas estrangeiras, considerando-se o diagnóstico apresentado por Revuz (1998). Inversamente, as constatações desse diagnóstico reforçam a ideia de identidade e diferença produzidas culturalmente, por atos de linguagem.

Referências Bibliográficas:

REVUZ, Christine. "A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio". Tradução de Silvana Serrani-Infante. In: Signorini, Inês (Org.) *Lingua(gem) e Identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998:213-230.

SILVA, T.T. "A produção social da identidade e da diferença". In: SILVA, T. T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000:73-102